

# Althusser e Barthes: vértices epistemológicos

## RESUMO

O início do século XXI é grifado pela obsessividade da produção discursiva, tão intrínseca à pronúncia da mídia. Não falta o discurso da hora e para qualquer hora. Tal traço se inscreve na rubrica de complexidade das formações sociais. Althusser e Barthes alinhavaram projetos teóricos, que costuram a tessitura do lingüístico e do translingüístico. Eles revelam, nos bastidores de suas diferenças, convergências. São os seus vértices epistemológicos, pertinentes à análise de discurso, que moverão os passos do presente ensaio.

## ABSTRACT

This article examines some common epistemologic points of reference observed by the authors in texts of both Althusser and Barthes.

## PALAVRAS-CHAVE (KEY-WORDS)

- Althusser
- Barthes
- Mídia (Media)

Roberto José Ramos<sup>1</sup>  
Letícia Coronel Jardim<sup>2</sup>

## 1.1 Projeto barthesiano

Barthes (1994) categoriza o discurso, com a reivindicação do resgate etimológico. Ele anota, com zelo, “discurso é, originalmente, a ação de correr para todo o lado, são idas e vindas, ‘démarches’, intrigas”.

A anotação contempla o movimento em sua peregrinação histórica, através da combinação dos signos. É a relação da imutabilidade do código com as mutações da fala, tecida, ludicamente, tal qual o jogo de dominó.

A categorização barthesiana carrega duas articulações. Estabelece o sentido lingüístico da discursividade na concretude dos signos, mas vai além. Abraça o translingüístico em sua dimensão sócio-histórica. O discurso é um jogo dialético do signo.

A discursividade está conectada com o poder. Barthes (s.d.:10-12) o caracteriza como “a libido ‘dominandi’.” Está relacionado com a história inteira do homem e não somente com a história política, histórica. É um “parasita do organismo transsocial”, que se pronuncia na expressão obrigatória da linguagem: “a língua”.

O semiólogo propõe um elo interdisciplinar com a psicanálise, criada por Freud em 1895. Sintoniza o poder com a categoria libido, em seu desenho biológico, em suas diferentes fases, constituintes do inconsciente.

A libido tem recebido plurais interpretações. Alguns a simplificam, tornando-a um mero e reducionista sinônimo de prazer sexual. Outros conseguem descortiná-la, com mais horizonte, como energia prazerosa em suas multifacetadas versões.

O poder, como libido dominante, é a energia prazerosa, própria de Eros, que

---

concede sentido ao viver humano. Possui várias manifestações, uma das quais é a sexualidade. O seu perfil biológico, de face inata, fixa toda a sua condição de atemporalidade.

Ainda que invariante, a libido se particulariza em diversas fases. Passa pela oral, anal e fálica, especificadas, etariamente, na primeira infância. Tal qual ocorre, em seu sincretismo, como poder, que é imutável no curso histórico, porém se singulariza em cada conjuntura histórica.

Barthes recicla a noção weberiana de poder como dominação. O homem é indissociável da energia prazerosa, que lhe impõe, dialeticamente, a simbiose liberdade/submissão. Eis a concepção althusseriana de sujeito, presente no intertexto.

Além de sua realização biológica, o poder é, também, uma realidade cultural. Está instalado na linguagem nos escaninhos da língua, como instituição social, que se reproduz transsocialmente.

Verifica-se que o poder é concebido no tempo e no espaço, considerando a sua supratemporalidade e a sua supra-espacialidade. É o invariante da história, que se reproduz nas variações, manifestas em cada conjuntura histórica.

No horizonte barthesiano, o mito é uma forma de fala, que explora a conotação. Não nega a factualidade histórica, apenas a torna ingênua. A sua função é a naturalização e a eternização da sociedade burguesa.

O sistema de significação — significante, significado e signo — se redesenha na produção mítica. Ao transcender o perímetro denotação, engendrando a conotação — o sentido —, torna-se significante desta.

A obra *Mitologias* é angulada pela crítica ideológica. O seu intertexto comporta as presenças de Hjelmslev, pela conotação, de Durkheim, pelo mito, como representação coletiva, e de Marx, pela ideologia, em seu sentido napoleônico, como distorção.

Tal ecumenismo teórico não é uma fisionomia do despropósito, como possa conceber o embriagado pela aguardente das aparências. Hjelmslev, Durkheim e Marx estão alinhavados pelos laços sazonais da interdisciplinaridade do estudo do mito.

No curso das páginas de *Mitologias*, há a construção de uma ambivalência. Ocorre a sobreposição das categorias mito e ideologia. Ambas são gêmeas. Respiram o oxigênio da conotação e encenam a legitimação da sociedade burguesa.

A própria configuração do mito corresponde à ideologização. Contempla o lingüístico e o translingüístico, estabelecendo a deformação de sentido. Transpira, aí, o conceito particular de ideologia, resgatado em Marx.

Assim, mito e ideologia são sinônimos, ainda que Barthes não o explicita, com rigor. A nomeação mito possui a preferência, porque foi priorizada pelo semiólogo, inclusive, na titulação de sua obra.

Barthes busca uma dimensão translingüística. É o seu passaporte, para dar conta da fala, sincretizada como textos do imaginário, o objeto de sua semiologia. Recorre à sociologia, fomentando a sua angulação interdisciplinar.

Em *Mitologias*, a interdisciplinaridade de aparece submersa na intertextualidade. Quase duas décadas mais tarde, ela emerge em *Escritores, Intelectuais e Professores e outros Ensaios*. Todavia, ainda, se ressentia de elos convergentes, que possam unir, nas suas distâncias epistemológicas, Durkheim e Marx.

Também com *Escritores, Intelectuais e Professores e outros Ensaios*, Barthes procura revisar a sua teoria. Assinala a mudança de objeto. O mito não é mais uma questão lingüística. Converteu-se em uma questão translingüística. Foi incorporado pela prática, como mítico.

Tal postura é elogiável em seu horizonte de auto-reflexão teórica, porém oca de realização. O semiólogo anseia por

uma teoria de ideologia, modulada pela sintonia translingüística apenas, que não pode ser rompida da lingüística.

Barthes, ao valorizar a materialidade da prática, anotada, sociologicamente, quer desembarcar de sua concepção de Mito, tecida em Mitologias. A sua tentativa de revisão acaba se tornando uma ratificação.

Se o objeto mudou, não há mais mito, fraseológico, porém o mítico, encravado nas práticas. Estas só existem como eventos de linguagem, quanto mais velam, mais conotam. Necessitam, com muito mais urgência, de uma leitura semiológica, com lentes interdisciplinares, feitas por Barthes. O objeto mudou, mas o mito, orquestrado em Mitologias, permaneceu, ainda que seu criador tenha descartado o auto-reconhecimento.

A conjuntura teórica barthesiana está mergulhada na relação dialética entre imaginário e prática. Só que ela já foi instaurada como Teoria da Ideologia em Geral, empreendida por Althusser, em 1969, no ensaio *Aparelhos Ideológicos de Estado*.

Observa-se, portanto, a evolução do questionamento sobre o mito. As mudanças históricas o dissimularam, mas mais o validaram, tal qual se notabilizou em Mitologias. Se Althusser foi além, materializando a dialética da ideologia, ficou aquém na questão lingüística, tão, engenhosamente, formulada por Barthes. Ambos se complementam neste particular.

De outro lado, a expressão francesa *Fait Divers* designa a informação sensacionalista. Barthes (1971:263) a caracteriza pela sua monstruosidade, sendo “análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em resumo anônimos”. Através da angulação estrutural, o semiólogo o classifica em dois tipos básicos: causalidade e coincidência. Ambos, em suas respectivas subdivisões, formalizam a noção de conflito, fixada em sua notificação presenteísta, que interpela pela exploração de emocionalidade.

O *Fait Divers* de causalidade apresenta duas manifestações:

a) Causa perturbada – há o desconhecimento ou a imprecisão causal, ou, ainda, quando uma pequena causa provoca um grande efeito,

b) Causa esperada – quando a causa é normal, a ênfase recai nos personagens dramáticos – mãe, criança e idoso (Barthes, 1971).

O segundo tipo, *Fait Divers* de coincidência, possui, também, duas manifestações:

a) Repetição – a informação, repetida, instaura a onipresença da factualidade em circunstâncias diferentes;

b) Antítese – duas perspectivas diferentes, antagônicas, são fundidas como se fossem uma única realidade. Uma de suas expressões é o cúmulo (a má sorte), figura da tragédia grega (Barthes, 1971).

A monstruosidade, como anotação da noção de conflito, é decupada pelo presenteísmo, dimensionado pela emocionalidade. Inscreve-se, como conjuntura sintagmática, que descarta, em seu consumo imediato, a razão, na ilogicidade da causalidade e da coincidência. Explica-se, historicamente, pela a-historidade da fatalidade.

O *Fait Divers*, em suas diferentes manifestações, está presente na literatura, no cinema e na mídia. Nesta, em particular, aparece na abordagem da realidade e da ficção na pluralidade de espaços da imprensa, do rádio e da televisão.

É possível, ainda que Barthes não tenha feito, realizar a articulação do *Fait Divers*, com o poder e o mito. Localizá-la na instância de um sistema de significação, preservando os limites teóricos e as fronteiras interdisciplinares da produção barthesiana.

O *Fait Divers*, em seus tipos e subtipos, é um significante. Produz, como

---

significado, a noção de conflito, explicada pela Fatalidade, constituindo o signo denotado. Eis o sistema de significação primeiro.

O poder (libido dominante) é, também, denotado, através da fatalidade. Ela liberta o sujeito histórico de seus conflitos, irresponsabilizando-o historicamente. Aborda-o, narcisicamente, como pai-supremo, explicação absoluta para o inexplicável.

O sistema de significação, primeiro, além da denotação, estabelece a conotação, tornando-se significante desta. A fatalidade é conotada, como um enfoque acrítico da realidade. Submete o sujeito histórico à hegemonia do instituído, dado como natural e eterno. Eis o mito, forjado pelo sistema de significação, segundo, conotado.

Verificou-se, portanto, a teorização sobre o *Fait Divers*, estruturada pela sua categorização em tipos e subtipos. Mesmo que Barthes não a tenha empreendido, houve a viabilidade de relacionar o *Fait Divers*, com o poder e o mito no perímetro semiológico.

## 1.2 Projeto althusseriano

Althusser (1985) concebe a Teoria da Ideologia em Geral, sublinhando as questões da produção da subjetividade. Ele relaciona, em uma perspectiva interdisciplinar, o marxismo com a psicanálise, pelo viés estruturalista. Procura abranger a dialética entre o social e o sujeito.

A ideologia possui uma história própria, anota Althusser (1985). Ela é determinada pela luta de classes. Significa uma realidade não-histórica, com estrutura e funcionamento, eterna, tal qual o inconsciente, proposto por Freud.

O paralelismo entre a ideologia e o inconsciente é indicial. Revela a relação interdisciplinar entre o marxismo e a psicanálise, através de uma postura estruturalista. O filósofo (1984: 71) oferece

outras pormenorizações:

(...) Freud nos revela, por sua vez, que o sujeito real, o indivíduo, em sua essência singular, não tem a figura de um ego, centrado no seu “eu” (“moi”), na “consciência” ou na existência — quer esta seja a existência do para-si, do corpo próprio, ou do “comportamento” —, que o sujeito humano é descentrado, constituído por uma estrutura, que, também, tem um “centro” apenas no desconhecimento imaginário do “eu”, ou seja, nas formações ideológicas em que ele se “reconhece”. Desse modo, ter-se-á notado, está aberta para nós, sem dúvida, uma das vias, pelas quais chegaremos, talvez um dia, a uma melhor compreensão dessa estrutura do desconhecimento, que interessa, em primeiro lugar, à qualquer pesquisa sobre ideologia.

Sobre o inconsciente, há uma metalinguagem: “Estrutura do Desconhecimento”. É o “centro” da descentralização psíquica do sujeito, a sua voz de comando, que no silêncio, não cessa de se pronunciar, preescrevendo a caminhada do existir. O seu reconhecimento ocorre na ideologia. Ambas são inseparáveis. Possuem estrutura, funcionamento e a eternidade.

O conhecido se transformou em desconhecido, através do recalque. Só que este material, estruturado como linguagem, exilado da consciência, não fenece. É um morto-vivo, onipresente e onisciente, o “centro” da realidade psíquica. Configura o simbólico, ou seja, o significante da existência: o inconsciente.

A ideologia é o reconhecimento deste desconhecido — o inconsciente. Se este se institui como simbólico — o significante —, ela se institui como imaginário — os significados —, que o reconhecem. É ilusória, enquanto significação, porém faz alusão ao significante.

Marx concebe a ideologia, como falsa consciência, desprovida de história. Althusser concorda em parte. Ele sustenta que, mesmo ilusória, ela refere a realidade histórica. Basta interpretá-la, porque as ilusões fazem alusões.

O encontro interdisciplinar entre o marxismo e a psicanálise é autorizado pelo materialismo e pela dialética. Num mundo sufocado pelo idealismo e pelo mecanicismo, Marx e Freud foram materialistas. A tese mínima que os define é a existência da realidade fora da consciência, grifa Althusser (1984:77):

(...) Freud é, desde o início, materialista, já que nega a primazia da consciência (...) quanto à dialética, Freud nos deu surpreendentes figuras dialéticas, que nunca considerou leis (essa criticável modalidade de uma tradição marxista): por exemplo, as categorias de transferência, condensação, superdeterminação, etc... e, também, esta tese-limite de que o inconsciente não conhece a contradição, e que essa ausência de contradição é a condição de toda a contradição.

Desenvolve-se uma articulação entre Marx e Freud, através do materialismo e da dialética. Há um outro elo entre ambos: o estruturalismo, que Althusser exila de suas teses. Por intermédio deste, ele retornava a Marx, para lhe resgatar a cientificidade e Lacan fazia o mesmo em relação a Freud.

No abrigo de tal contexto, Althusser (1985) tece uma Teoria da Ideologia em Geral, ancorada em duas teses. Elas sustentam, em síntese, que a ideologia é a relação imaginária com as condições reais da existência, que se materializa em práticas.

Na intertextualidade do filósofo, encontra-se a presença de Lacan, sincretizada pela categoria imaginário — as ilusões na captação do ego. Althusser (1985:64) reconhece a essencialidade

da obra lacaniana, que dimensionou a importância da linguagem:

(...) Está, aí, sem dúvida, a parte mais original da obra de Lacan: a sua descoberta. Essa passagem da existência (no puro limite) biológica à existência humana (filho do homem). Lacan mostrou que ela se operava sob a Lei da Ordem, que eu chamarei Lei da Cultura, e que essa Lei da Ordem se confundia, em sua essência formal, com a ordem da linguagem (...) sob a lei da linguagem, em que se fixa e se dá toda a ordem humana, portanto, todo o papel humano...

Na realização ideológica, quatro categorias são básicas. Estabelecem a relação imaginário-práticas, referida por Althusser. São elas: a Interpelação, o reconhecimento, a sujeição e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE).

A sujeição se caracteriza pela dialética, que a permeia. Possui duas significações antagônicas. Representa o ser livre, um centro de iniciativas, mas, também, um ser submetido, a reboque de um senhorio, vassalo do feudo da ordem cultural.

Em toda a ideologia, há um centro único. É o sujeito absoluto, um espelho imaginário, uma abstração do real, em sua dimensão metafísica. Interpela os indivíduos, como sujeitos livres, que, nele, devem se reconhecer e, a ele, se submeter.

A interpelação apresenta uma pronúncia, inerente ao universo léxico jurídico-policia. É o intimar alguém para responder alguma coisa. Estipula a relação do eu com o outro, ambos amarrados pelo nó dialético da sujeição.

As questões da sujeição e da interpelação, no texto althusseriano, têm as marcas das influências de Spinoza. Ele realizou a primeira leitura crítica da Bíblia. Combateu à ideologia religiosa, ainda que não tenha usado essa expressão, com explicitude.

O reconhecimento, como categoria, carrega, em sua essência, o aspecto da identificação. Encontra-se imerso pela abordagem psicanalítica. Evidencia a identificação projetiva, mecanismo que instaura o narcisismo primário.

Há, particularmente, afinidade com a obra lacaniana. Possui relação com as categorias metáfora, como condensação, e o estádio do espelho, a relação simbiótica imaginária entre mãe e filho(a), instalada após o sexto mês do nascimento.

Por fim, os AIE, que são instituições plurais, distintas, que, em suas singularidades e contradições, reproduzem a ideologia dominante. Localizam-se no âmbito público e privado, já que tal distinção é somente um artifício, empreendido pelo direito burguês.

Althusser (1985:68) relaciona oito AIE. São eles: AIE Religioso (o sistema das diferentes igrejas); o AIE Escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e privadas); o AIE Político (o sistema político, os diferentes partidos); o AIE Cultural (Letras, Belas Artes, Esportes); o AIE de Informação (a Imprensa, o Rádio e a Televisão); o AIE Familiar, o AIE Sindical e o AIE Jurídico.

Os AIE político e o sindical carecem, sobretudo, num primeiro momento, de mais aprofundamento. Faltam diferenciações, se é que existem, entre partidos conservadores e operários e entre sindicatos patronais e de trabalhadores.

O filósofo (1985) adverte que os partidos operários integram o AIE político, quando os seus dirigentes se deixam intimidar ou são cooptados monetariamente. O mesmo vale, por analogia, para os sindicatos de trabalhadores em relação ao AIE sindical.

Os AIE competem entre si. São empresas, independentemente, se públicas ou privadas, que disputam mercados sob o ponto de vista político e econômico. Todavia, cada uma, a seu modo, está submetida à reprodução ideológica, que não é mecânica. É fruto da luta de classes.

A concepção dos AIE foi inspirada em

Maquiavel. Althusser (1992:214) reconhece essa influência. Admite que, sem sufrágio universal, na época, o Aparelho Ideológico de Estado era constituído “pela imagem público-popular do personagem do Príncipe”.

Portanto, Althusser sedimenta a sua teorização, sustentando que a ideologia é a relação imaginária, transformada em práticas, reproduzindo as relações de produção vigentes. Desenvolve, para tanto, as categorias de sujeição, interpelação, reconhecimento e AIE, influenciadas, sobretudo, por Marx, Freud, Lacan, Spinoza e Maquiavel.

A relação entre o marxismo, a psicanálise e o Estruturalismo é decisiva. Permeia, interdisciplinarmente, a produção teórica althusseriana. Desconsiderá-la é cegar-se para a profundidade da abordagem, que, dialeticamente, fixa as relações entre o social e a subjetividade.

A categoria superdeterminação, proposta pela psicanálise, é mobilizada, para discernir as dialéticas hegeliana e marxista. A primeira tem uma antítese simples, provocando uma síntese metafísica; a segunda, uma antítese, superdeterminada, provocando uma síntese materialista.

Althusser compatibiliza, ainda, a dialética marxista com o estruturalismo. Há, nas mudanças, uma estrutura imutável. É o invariante, de caráter supra-espacial e supratemporal. Assim, ele estabelece a Dialética Histórico-Estrutural — DHE.

A Teoria da Ideologia em Geral redimensiona o sentido marxista da superestrutura. Desamarra o nó cego de uma ortodoxia, cabrestada por uma infraestrutura, sacralizada como uma nova divindade, ungida pelos mais marxistas do que Marx.

A tessitura teórica de Althusser possui uma marca indelével no seu texto e no seu intertexto. É a influência da Psicanálise, saída das leituras de Freud e de Lacan, determinante de sua concepção ideológica, de sua distinção entre as dialéticas

hegeliana e marxista e da sua formulação de DHE. Quem não a ver, enxergará apenas reducionismo e, tal como Édipo, tentará matar Althusser...

Os projetos teóricos e metodológicos de Althusser e de Barthes, em suas especificidades, possuem vértices incomuns e complementares. Dialogam pelos princípios do estruturalismo e da dialética. Articulam, em seus elos interdisciplinares, o marxismo e a psicanálise.

Barthes teve a sua produção enraizada na lingüística. O seu berço foi o estruturalismo funcionalista, de Saussure. Foi além. Alcançou o translingüístico, concebendo categorias, como poder e mito, notáveis por suas densidades interdisciplinares.

Ele chegou a tentar revisar a sua concepção de mito. Buscava completar a sua incompletude: o sócio-histórico. Desejava ampliar o seu horizonte translingüístico, refletindo sobre a prática já refletida e teorizada por Althusser. Eis outro elo entre ambos.

Com os seus passos, marcados pelo marxismo, Althusser redimensionou-se. Compatibilizou-o com a psicanálise. Articulou-os com o estruturalismo. Fixou a filosofia, como reflexão política. Não alcançou o lingüístico, a não ser em fragmentos esparsos.

Por caminhos desiguais, Barthes e Althusser convergem e se complementam. As categorias, do semiólogo, *Fait Divers*, poder e mito articulam-se, em nível de respectiva correspondência com as do filósofo, interpelação, reconhecimento e sujeição. Tais encaixes dispõem, ainda, da categoria *Aparelhos Ideológicos de Estado*, de Althusser. Esta enseja respostas às questões contextuais, que permeiam o evento da discursividade, essenciais para a compreensão da pronúncia da mídia .

## Referências

ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan – Marx e Freud*. Rio de

Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 2.ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Futuro Dura Muito Tempo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. 13.ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

\_\_\_\_\_. *Aula*. São Paulo: Cultrix, s.d..

\_\_\_\_\_. *Mitologias*. 9.ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

\_\_\_\_\_. *Escritores, Intelectuais, Professores e Outros Ensaio*. Lisboa: Presença, s.d.

\_\_\_\_\_. *Elementos de Semiologia*. 10a. ed., Rio de Janeiro: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_. *Sistema da Moda*. São Paulo: Nacional e USP, 1979.

\_\_\_\_\_. *Ensaio Crítico*. Lisboa: Edições 70, 1971.

## Notas

- 1 Doutor em Educação, pela PUCRS e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.
- 2 Bolsista do projeto “Comunicação, Discurso e Ideologia: A Construção da Subjetividade.”